

# ESTER



*O rei oculto livra*



# 1

## PERMANECENDO FIRME CONTRA O IMPÉRIO

*Ester 1.1-22*



*Se bem parecer ao rei, promulgue de sua parte um edito real, e que se inscreva nas leis dos persas e dos medos e não se revogue, que Vasti não entre jamais na presença do rei Assuero; e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela (Et 1.19).*

Imagine passar a vida se equilibrando numa corda bamba, num mundo hostil, ao mesmo tempo em que tenta realizar uma tarefa difícil. Essa é a metáfora que domina o filme clássico de 1971, *Um violinista no telhado*. O personagem principal, o judeu russo Tevye, explica sua vida nestes termos:

Um violinista no telhado – isso soa estranho, não é mesmo? Mas aqui na nossa pequena vila de Anatevka você pode dizer que cada um de nós é um violinista no telhado, tentamos tocar um simples e agradável acorde sem quebrar o pescoço. Não é fácil. Talvez você possa perguntar: por que ficamos lá no alto, se é tão perigoso? Bem, nós ficamos porque Anatevka é nosso lar. E como mantemos o equilíbrio? Posso responder com uma palavra: tradição.

### ***Tocando violino no telhado***

A imagem do violinista no telhado se aplica aos judeus na Pérsia no tempo de Ester do mesmo modo que se aplica aos judeus russos do início

do século 20. Eles não eram semelhantes àqueles que viviam ao seu redor e sabiam que não podiam confiar nos seus senhores. Os persas tinham todo o poder e os judeus nenhum. Ainda que esses judeus tivessem nascido na Pérsia, eles eram exilados que estavam longe de sua terra natal, cercados por estranhos. Podiam ter sua propriedade confiscada ou até perder a vida por causa do capricho de algum burocrata insignificante. Por outro lado, se a sorte lhes sorrisse, eles poderiam sobreviver até uma idade avançada e viver uma vida bastante confortável. Como disse Tevye, “não é fácil [...] mas é nosso lar”. Numa situação tão difícil, por que os judeus se arriscavam a viver a vida de uma maneira diferente? Por que não se conformar às exigências do império, assimilar a cultura e se tornar invisíveis? Invertendo o ditado japonês: “Prego que não sobressai dificilmente será martelado”.

Mas está certo dizer: “se a sorte lhes sorrisse [...]”? Não havia um Deus no céu, um Deus que havia se comprometido com o povo judeu numa antiga aliança? Ele não cuidou dos pais deles quando eram estrangeiros numa terra que não era deles? Ele não os tirou do Egito com mão forte e braço poderoso? Ele não cuidaria do seu próprio povo mesmo em meio às trevas desse momento? Afinal, muito tempo havia se passado desde a maravilhosa história do povo atravessando o mar Vermelho. Por que ele se importaria de, das alturas, olhar para pessoas comuns lutando para sobreviver na distante Pérsia? Eles não conseguiam ver esse Deus, não tinham tido notícias dele ultimamente e, de qualquer modo, estavam a quilômetros de distância da terra que chamavam de sua. Será que esse Deus invisível ainda tinha o que era preciso – em termos de poder e interesse – para chegar a eles e tocar a vida deles?

Quando pensamos sobre isso nesses termos, fica claro que a situação de Tevye e a de Ester não está tão distante da nossa realidade quanto poderíamos a princípio ter imaginado. Podemos não sofrer perseguição direta por causa de nossa nacionalidade ou fé, embora, em diversas partes do mundo, seja essa a realidade de muitos do povo Deus. Contudo, nós somos estrangeiros na terra em que vivemos, chamados para estar *no* mundo, mas não ser *do* mundo. Podemos ser cidadãos do país em que vivemos, ainda que num sentido profundo estejamos sujeitos a um rei diferente, com lealdades e comprometimentos diferentes dos nossos compatriotas. Às vezes, essa diferença não parece particularmente importante. Todos fazemos parte da mesma comunidade. No entanto, outras vezes torna-se dolorosamente evidente que não estamos operando sob a mesma administração que os que vivem ao nosso redor. Numa sociedade pluralista, também lutamos para manter uma lealdade que vem em primeiro lugar. Vivemos em meio a uma cultura que constantemente martela aqueles que se levantam em favor da verdade. Não é fácil – mas é o nosso lar.

Mais do que isso, a invisibilidade de Deus é uma dificuldade para nós também. Na nossa experiência, o Deus que pôde abrir o mar Vermelho e ressuscitar Jesus de entre os mortos escolhe não exercer o mesmo poder com muita frequência. Lutamos quando os objetivos e sonhos que tínhamos para nossa vida são esmagados pelas circunstâncias, embora talvez eles fossem sonhos bons e piedosos que Deus poderia facilmente tornar realidade. Teveye sonhava ser rico e se perguntava quais esquemas cósmicos teriam sido arruinados se Deus lhe tivesse dado uma vida melhor. Talvez tudo o que sempre quisemos fosse ter um casamento feliz, ou filhos, ou criar bem esses filhos, mas Deus não realizou esses sonhos. Talvez o desejo de nosso coração fosse servir a Deus num ministério de tempo integral, ou ver nosso amigo mais querido se render a Jesus, mas isso nunca aconteceu. Clamamos a Deus, perguntando que esquema cósmico seria prejudicado se nossas orações fossem atendidas, mas não há resposta. Deus permanece escondido, sua vontade inescrutável. Como os judeus do tempo de Ester e os judeus russos da diáspora, podemos descobrir que somos “violinistas no telhado”, lutando desesperadamente para encontrar o equilíbrio num mundo confuso.

### **As tentações gêmeas: assimilação e desespero**

Podemos nos relacionar, então, às duas primeiras tentações que os judeus enfrentaram nos dias de Ester. Por um lado, o poder do império pagão era extremamente visível e concreto. Eles o ouviam diariamente no som da marcha dos soldados e no ruído das carruagens. Eles viam a sua abundante riqueza e o controle absoluto dos detalhes da vida. Eles sentiam o cheiro de seu poder no incenso oferecido na centena de templos pagãos, por toda parte, financiados pelo Estado. Por que não desistir do lema “Nós somos o povo da aliança com Deus” e se juntar à multidão? Esse era o alvo do império persa. Na série de ficção científica *Star trek: The next generation*, os “Borg” – oponentes da Federação – eram excepcionalmente detestáveis. Seu modo de agir era fazer com que seus inimigos fossem incorporados na coletividade e extrair deles tudo o que fosse de valor. O lema deles era: “A resistência é inútil; você deve ser assimilado”. Exatamente desse mesmo modo, o império persa buscava transformar os vários povos que habitavam seu território numa única massa uniforme.

A pressão por se conformar tornava a tentação ainda maior porque a maioria dos exilados que eram entusiastas do “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR” (Js 24.15) havia partido e voltado para Jerusalém, no tempo do decreto de Ciro em 538 a.C. ou na geração seguinte. Agora, mais de cinquenta anos depois do acontecimento, aqueles que permaneceram em Susã, a capital persa, eram fortemente tentados a se acomodar a uma coexistência

confortável (talvez até de mais) com a autocracia em geral benigna que os cercava. O exílio havia sido bom para eles. Eles haviam chegado a um acordo com os poderes da época e se esquecido que o ambiente pagão no qual viviam sempre seria, no mínimo, potencialmente hostil e nunca seria de confiança. Eles haviam se esquecido de que “as autoridades superiores” eram dominadoras volúveis que facilmente poderiam se voltar contra eles.

Se a assimilação era uma tentação que as pessoas enfrentavam nos dias de Ester, então o desespero sem dúvida era outra. Elas estavam cercadas por um império todo-poderoso e volúvel que poderia muito bem se tornar antagônico. Além do mais, eles seguiam um deus cujo modo de agir era inescrutável, invisível e misterioso. O que, então, os impediria de entrar em desespero? Como os Borg perceberam, o desespero e a assimilação estão estreitamente relacionados. A razão para eles repetirem constantemente o lema “A resistência é inútil” é que aqueles que perdem a esperança são facilmente assimilados. Então, como poderiam os judeus exilados manter a esperança e a fidelidade em meio a um ambiente pagão hostil? Como podemos ficar firmes diante das provações e dos desapontamentos da vida? Assim como Tevye descobriu no desenrolar do filme *Um violinista no telhado*, seria preciso mais do que a resposta “tradição” para manter uma comunidade diferenciada.

Para a dupla tentação da assimilação e do desespero, o livro de Ester fornece uma resposta dupla. Em primeiro lugar, ele satiriza o império, zombando de sua alegação de poder e autoridade. A sátira toma o objeto de medo, a autoridade, e ri dele, mostrando seu lado ridículo. O objetivo do livro é nos fazer rir. Para as pessoas fracas e oprimidas a sátira é uma arma-chave. Ela toma o tão alardeado esplendor imperial e o coloca no seu devido lugar. As ditaduras e os Estados totalitários nunca tiveram muito senso de humor no que diz respeito ao seu senso de autoimportância. Livros como *A revolução dos bichos*, no qual George Orwell retratou e parodiou o sistema de governo soviético, foram rapidamente proibidos pelo império, por causa do medo do poder da sátira. Uma vez que as pessoas percebam que o rei de fato está nu, então o poder do império de exigir obediência e instilar o medo está quebrado. Aquele que for capaz de rir na cara dos Borg jamais será assimilado. A sátira é, portanto, o poderoso antídoto para o desespero. O livro de Ester nos mostra que o grande império não é, afinal de contas, governado por gigantes temíveis, mas por burocratas insignificantes.

---

\* Veja Romanos 13.1. (N. da R.)

A classe governante da Pérsia é retratada não mais como “Os sete magníficos”, mas como “Assuero e os sete anões”.<sup>1</sup>

A segunda abordagem ao livro de Ester é nos mostrar que Deus está constantemente operando neste mundo de uma maneira totalmente diferente, digamos, dos acontecimentos do êxodo. No livro de Êxodo, a ação de Deus é com raios e trovões, cheia de intervenções dramáticas que expõem a nulidade dos deuses do Egito. Há grandes heróis como Moisés e Arão para conduzir o povo e um rastro de milagres para atestar a presença de Deus entre eles. No livro de Ester, porém, vemos Deus operando de maneira invisível e nos bastidores.<sup>2</sup> Nesse caso, não há milagres dramáticos nem grandes heróis. Há apenas providência aparentemente comum. Pessoas fracas e inexpressivas são colocadas na hora certa e no lugar certo para enquadrar o império e estabelecer os propósitos de Deus para seu povo. O nome de Deus não é citado em nenhum ponto do livro. Contudo, no que diz respeito ao conflito entre o império de Assuero e os seus anões de um lado e o reino do Deus invisível e Todo-Poderoso do outro, só há um resultado possível.

### *Estilos de vida dos ricos e insensatos*

O livro de Ester inicia nos apresentando o grande império de Assuero:

Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou, desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, naqueles dias, assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino, que está na cidadela de Susã, no terceiro ano de seu reinado, deu um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele. Então, mostrou as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, por cento e oitenta dias. Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo que se achava na cidadela de Susã, tanto para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real. Havia tecido branco, linho fino e estofas de púrpura atados com cordões de linho e de púrpura a argolas de prata e a colunas de alabastro. A armação dos leitos era de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, de mármore, de alabastro e de pedras preciosas. Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro, vasos de várias

<sup>1</sup> A mesma ideia satírica é visível na história de Daniel 1–6, por exemplo, na lista longa e repetitiva de diferentes classes de oficiais do governo que aparecem para adorar a estátua de ouro de Nabucodonosor. Do mesmo modo, longa e repetitiva é a lista de instrumentos que são tocados para dar o comando para o culto. O império não consegue resistir à tentação de dar um grande espetáculo. No entanto, o alardeado poder é frustrado pela simples recusa dos amigos de Daniel de se submeter a esse tipo de programa.

<sup>2</sup> Sandra Berg comenta: “O livro de Ester, então, não ignora a presença da atividade divina. Pelo contrário, ele aponta para a presença oculta de Yahweh no mundo” (*The Book of Esther: Motifs, themes and structure* [Society of Biblical literature dissertation Series 44; Missoula, MT: Scholars Press, 1979], 178).